

Cordel do Amor sem Fim

de Cláudia Barral

(No canto do palco, o Contador inicia a peça com a canção O Luar, letra e melodia de Carlos Barral)

Contador – Eu que fui pé no chão nesse rumo / Assumo que vim sem dizer que não / Sou pedra, sou peixe, sou rio / Sou tarde de junho e o frio / Sou noite, me lembro, dezembro / Pé de vento, de chuva e trovão // Sou um raio de luar / Onde está meu coração // E lá fora o luar bate claro no algodão / Branco, branco a me lembrar / Onde está meu coração / Costas brancas desse mar / Bate, bate sem perdão / A lembrança de um luar voa / Onde está meu coração

(O homem termina a sua canção e inicia a narrativa de sua história)

Contador – Deus separou o claro do escuro, separou o mar da terra, separou o macho da fêmea, separou o bem do mal e se Deus já começou separando, quem sou eu pra falar de união? Mas eu digo que o homem é bicho que nasceu pra ficar tudo junto. Da vida eu digo que é longa demais para dizer que é curta e é curta demais para dizer que é longa. Do mar eu digo que é grande demais para minha canoa. Da grande cidade eu digo que já me debrucei nas suas varandas e que os mosaicos dessas calçadas já viram o carimbo de meu pé. Sei de seus tumultos e barulhos e digo que nenhum deles deve ser o som da esperança. Os sinos da esperança não tocam nessas catedrais de pedra, nas ruas de pedra, no peito de pedra desses homens que andam por tantas calçadas que não vão dar em lugar nenhum. Do violão digo que é meu melhor amigo por ser o único que não me dá conselhos, e do sertão digo que é minha casa. Do desejo digo que é bicho que não morre, do tempo digo que é inimigo dos homens, e do amor digo que é inimigo do tempo.

Era dezembro na beira do Rio São Francisco. Pois sim, era dezembro. Era dezembro na beira do rio, dezembro afogando o sertão, dezembro na cabeça dos caboclos. Era dezembro também, porque não podia deixar de ser, dezembro em Carinhanha. Era dezembro de chuva e calor em Carinhanha. E eram três as irmãs: Teresa, Carminha e Madalena.

(O cenário é a sala de uma casa simples, com móveis rústicos, de parede caiada. Nessa casa vivem as três irmãs: Teresa, Carmem e Madalena. Na sala da casa, Madalena se entretém com sua costura. Entra Carminha.)

Carminha – Tô fazendo... Agora sem farinha é que não vai poder ser.

Madalena – Manda Teresa buscar farinha.

Carminha – Teresa acabou de chegar da rua. Tá cansada.

Madalena – E aquilo lá cansa?

Carminha – Vá você, minha irmã.

Madalena – Agora essa mania de me tirar de casa!

Carminha – Distrai um pouco...

Madalena – E comprar farinha lá é distração, Carminha?

Carminha – Um passeio até o cais...

Madalena – Pra voltar carregada de saco? Manda Teresa.

Carminha – Eu vou contigo.

Madalena – Se pode largar a panela pra ir comigo, então por que é que não vai só?

Carminha – Esqueci da panela. Então, vai Teresa.

Madalena – *(gritando)* Teresa! Ô, Teresa, essa menina, chegue aqui.

(Entra Teresa)

Teresa – Que foi?

Carminha – Vai lá no cais, minha irmã, e traz dois sacos de farinha pra fazer o pirão.

Teresa – A do cais é mais cara.

Madalena – É mais cara porque é melhor.

Carminha – Teresa, traz a farinha boa.

Madalena – É pela ocasião.

Teresa – Que ocasião, meu povo? José come aqui dia sim, dia não.

Carminha – Mas hoje ele vai te propor não é, minha irmã?

Madalena – A panela, Carminha...

(Carminha Sai)

Madalena – E tu vai aceitar né, Teresa?

Carminha – *(de dentro)* A farinha, Teresa!

Teresa – *(grita para Carminha)* O dinheiro tá onde?

Madalena – Tu gosta dele?

Carminha – *(de dentro)* Tá em cima da mesa!

Madalena – Eu me lembro que de nós três não era você a que gostava dele não. *(Aponta Carminha que está na cozinha)*

Teresa – Vou buscar a farinha.

(Teresa sai.)

Madalena – Carminha?

Carminha – *(de dentro)* Tô escutando.

Madalena – Cê repara como José gosta de Teresa?

Carminha – Reparo.

Madalena – E agora vão casar, né?

Carminha – Se for da vontade de Deus.

Contador – Teresa saiu Teresa, mas voltou já outra pessoa. Era onze da manhã de um dezembro de céu pesado quando Tereza fez o caminho que ia de sua casa ao cais da cidade.

(Teresa entra.)

Madalena – Demorou.

Carminha – É Teresa?

Madalena – É.

(Carminha entra, pega os sacos na mão da irmã e volta para cozinha. Teresa permanece parada, aérea.)

Madalena – Que foi, moça?

(Batidas na porta)

Madalena – Abre a porta aí, Teresa.

(Pausa)

Madalena – Teresa? Abre a porta. É José.

(José entra).

Madalena – Ê, José!

José – Como tão passando?

(Carminha entra.)

Carminha – Tá com fome?

José – Sempre!

Madalena – Fique aí conversando com Teresa, José, que eu vou aqui dentro guardar esse vestido de Carminha que eu tava fazendo um conserto...

(Madalena e Carminha saem)

José – Posso te dar um beijo no rosto, Teresa?

Teresa – Pode não.

Teresa – José...

José – Que foi?

(Pausa)

José – Fala, Teresa!

Teresa – Olhe, José...

(Pausa)

José – Mas que aperreio! Me diga!

Teresa – Olhe, José, não se aborreça comigo, não.

José – Primeiro tu me fala, depois eu resolvo se é o caso de me aborrecer.

Teresa – Se lembra, José, que eu te disse que tu era meu amigo?

José – Lembro.

Teresa – E que se fosse pra negar o seu pedido de casamento eu ia negar logo era na hora? Que eu não ia deixar você vir até aqui com conversa de almoço e tudo pra sair carregando um não nas costas?

José – Eu já sei de tudo isso, Teresa! Mas qual foi o caso?

Teresa – O caso é que agora você já tá aqui, não é, José?

José – Tô, não tô?

Teresa – Mas não me peça em casamento, não.

José – Por que não, Teresa?

Teresa – Porque eu não vou aceitar.

(Carminha entra.)

Carminha – Tá pronto!

José – O que é que tá pronto?

Carminha – O almoço, homem! Ensopado e pirão.

(Pausa)

Carminha – Que foi, gente?

(Pausa)

Carminha – Eu vou lá dentro...

Teresa – Fique, Carminha.

José – Deixe Carminha ir lá dentro terminar o almoço.

Teresa – O almoço tá pronto.

José – Deixe Carminha ir lá pra dentro, Teresa. Cê tem que fazer lá dentro, não tem, Carminha?

(Entra Madalena.)

Madalena – Que foi, gente?

José – Agora conta pras suas irmãs, vai!

Teresa – José desistiu de me pedir em noivado.

Madalena – Mais essa agora, José?

José – Conta direito, Teresa!

(Pausa.)

José – Vai, mulher, conta o que foi que tu me disse!

Teresa – Eu disse a José que não me pedisse em casamento.

Madalena – Por quê?

Teresa – Porque eu não vou aceitar.

Madalena – Não vai aceitar por quê?

Contador – Se com uma frase Deus criou o céu é natural que com uma frase o céu desabe. A frase que derrubou o céu de José foi aquela.

Teresa – Porque eu sou de outro.

Madalena – De outro o quê, menina?

Teresa – De outro homem.

Contador – Era dezembro em Carinhanha. Era dezembro quando Teresa viu Antônio pela primeira vez. Dezembro quando seu peito foi flechado, quando seu destino mudou de rumo, quando o amor desceu sua machadada certa na cabeça da menina.

Teresa – Eu fui no cais buscar a farinha e o vapor tava chegando...

Contador – E dentro do vapor vinha a razão pela qual Teresa tinha nascido e sobrevivido até aquele dia. Vinha a razão pela qual ela viveria daquele dia até o fim.

Teresa – E desceu do vapor esse moço...

Contador – O nome que ela haveria de chamar noite adentro...

Teresa – Antônio. O nome dele.

Contador – O nome dele atravessando o coração dela.

Teresa – E ele me viu e conversou comigo...

Madalena – Mas se foi agora então foi conversa de vinte minutos!

Teresa – Ele disse que gostou de mim. Muito.

Contador – E o coração galopando como um cavalo doido...

Teresa – Que era esquisito...

Contador – Se reconheceram. Você, dona de minha alma, rainha do meu descanso, senhora de meu juízo.

Teresa – Que não podia ficar...

Contador – E aí Teresa começou a caminhar nesse terreno perigoso, esse, cheio de despenhadeiros: O das promessas de amor.

Teresa – Ele disse que voltava. Voltava pra me buscar.

Madalena – E você acreditou?

Teresa – Acredito. Eu vi verdade nos olhos dele.

Madalena – E olho de homem lá é lugar pra se encontrar verdade, Teresa?

Contador – Toda a verdade do mundo está nos olhos de Antônio. Era o que Teresa via.

Teresa – E é por isso que eu não me caso mais com José.

Contador – O amor inundou o terreno de seu peito numa tempestade tão violenta que derrubou todas as cercas.

Teresa – Eu tava era com medo de ficar sozinha, José. Por isso é que eu ia casar.

Madalena – Olha, Teresa, que o medo tem sua valia.

Contador – Mas agora Teresa era só coragem e esperança.

Carminha – E você vai desistir do noivado e vai fazer o quê, minha irmã?

Contador – Ao que Teresa respondeu sem titubear:

Teresa – Vou esperar.

Contador – E o diagnóstico:

Madalena – Tá doida!

Contador – E tudo que podia ser dito, foi dito.

Madalena – Mas você vai passar a vida esperando um homem que você nem conhece, Teresa? Vai trocar o certo pelo duvidoso, minha irmã?

Contador – E o quê que é certo nesse mundo errado?

Madalena – Vai deixar um rapaz bom que nem José pra ficar esperando um salafório que nunca volta?

Teresa – Ele volta.

Madalena – Quem é que volta pra essa cidade, Teresa? Isso aqui é cidade de partida.

Teresa – Antônio é diferente.

Madalena – E difere no quê? No que é que um homem difere do outro? Homem é tudo igual.

Contador – Mas Antônio era o homem dela. E, em sendo o dela...

Teresa – Eu espero.

Madalena – Então se a questão é de esperar, então todo mundo espera junto! Eu espero, Carminha espera, José espera! Não espera, José?

José – Espero.

Madalena – Pois então esperamos juntos! Eu não dou uma semana pra esse encantamento dos infernos terminar. Não resiste ao tempo não, Teresa. Você vai ver, José. Não dou uma semana!

(Pausa)

Contador – E passou uma semana.

Madalena – Não dou mais uma semana.

(Pausa)

Contador – E se passou mais uma semana.

Madalena – Não dou um mês!

(Pausa)

Contador – E se passaram dois meses.

Madalena – No mês que vem a doideira acaba!

(Pausa)

José – Vou esperar em casa.

Contador – E se passaram oito meses.

(Pausa.)

Contador – Tem o amor de mãe pra filho. Tem o amor de dois irmãos. Tem o amor que um homem sente por uma mulher e tem o amor que uma mulher sente por um homem. Nessa última categoria, tem o amor do “se eu não tiver você o tempo passa”, tem o do “se eu não tiver você, eu até prefiro” e tem o pior, o maldito, o amor inventado por Deus ouvindo opinião do demônio, o que Teresa sentia, o amor do “se eu não tiver você, eu morro”. Dezembro acabou e outros dezembros vieram e quanto mais dezembros viessem, a cabeça de Teresa só martelava a idéia fixa: Antônio há de voltar. Eu não sei por que mistério com Teresa foi assim. Eu só sei que tudo acaba, tudo muda, tudo morre, mas o sentimento de Teresa não acabava, não mudava e não morria.

(O homem canta “São Francisco”, de Carlos Barral.)

Contador - Lado esquerdo e um rio atravessado / Verde margem e um dezembro que se foi /
Se me lembro do meu lado esquerdo dói / São Francisco, tu não paras de passar /

(Na casa, Madalena costura, Carminha varre a sala. Teresa vai passando.)

Madalena – Vai onde?

Teresa – No cais.

Madalena – Vai esperar o vapor.

Teresa – Se já sabe perguntou pra quê?

Madalena – Pra ter certeza que minha irmã ta é doida mesmo.

Teresa – Pois agora já tem.

Madalena – Todo dia você vai e ele nunca vem.

Teresa – Quando vier eu quero tá lá esperando.

Carminha – Vai com ela, Madalena, deixa isso aí que eu termino. Vai dá um passeio, vai.

Madalena – Que passeio, Carminha? Tu também tá ficando doida, é? Passeio debaixo de um sol desses!

Carminha – Se é de dia é por causa do sol, se é de noite é por causa do frio.

Teresa – Eu já vou indo...

Madalena – Olhe, Teresa, que cada passo que a gente dá é um passo em direção à morte. E esse corpo que você tá guardando pra Antônio quem vai acabar comendo é a terra.

Teresa - Eu já estou em paz no meu caminho.

Madalena – Caminho de esperar?

Teresa - O caminho de Antônio.

Madalena - Um Antônio que não volta?

Teresa - Vai voltar.

Madalena - Já passou tempo demais, menina.

Teresa - Tempo é coisa que não tem medida.

Madalena – Teresa, amanhã faz quatro anos.

Teresa - Parece que foi ontem.

Madalena - Parece não.

(Fragmento da canção São Francisco, letra e música de Carlos Barral)

Contador - Passa tudo dentro sempre do meu peito / O que está feito, está feito, está bem feito / O não feito nunca mais que se fará / São Francisco, tu não paras de passar /

(As três irmãs conversam)

Carminha – Vai que volta?

Madalena – Volta nada!

Carminha – Se voltar?

Madalena – Se fosse assim já tinha voltado.

Carminha – Eu rezo a Deus que ele volte.

Madalena – Deus lá tem nada que ver com isso que Deus não ficar dando corda pra doido.

Teresa – Deus deixou que eu visse Antônio, me deu força pra gostar dele, meu deu fé pra acreditar no que ele disse.

Carminha – Fala com Deus que Antônio volta.

Teresa – Ele volta.

Madalena – Volta nada.

Teresa – Volta.

Madalena – Volta não.

Teresa – Deus não ia botar tanto desejo no peito de uma filha sua se não tivesse o plano de um dia satisfazer esse desejo.

(Fragmento da canção São Francisco, letra e música de Carlos Barral)

Contador – Vai lambendo seus barrancos, seus beirais / Vai levando pedras, peixes e pontais / Mais que tudo vai levando o meu olhar / São Francisco, tu não paras de passar.

(A sala das três irmãs está vazia. Batidas na porta.)

José – Abre a porta, Teresa!

(Tereza entra. Abre a porta. Entra José.)

Teresa – O que é que foi, homem?

José – *(Bêbado)* Toda rameira da cidade tem seu rosto!

Teresa - Tá dando pra beber agora, José?

José – Tô não. Devia era de tá mais! Devia era ficar doido logo de uma vez.

Teresa – Não fala besteira, homem.

José – Tudo que eu falo pra você é besteira, Teresa.

Teresa – Mas é, não é?

José – É besteira um homem desejar uma mulher?

Teresa – Uma mulher que não é dele e nem vai ser?

José – Tu é minha!

Teresa – Sou não, José. Eu sou de Antônio. Eu sou Teresa de Antônio.

José – Minha verdade não é essa, não.

Teresa – Eu vou no cais.

José - Vai não! (*José agarra Teresa*)

Teresa – Eu não quero você não, Zé.

José – Agora você não tem mais querer não. Agora meu querer só já basta.

(*José puxa Teresa para si com força. Ela resiste.*)

Teresa – Me larga, José! Me deixa, homem, pelo amor de Deus! Me deixa ir embora, José!

(*Carminha entra*)

Carminha – Tá ficando doido, moço?

(*José, finalmente, larga Teresa*)

Carminha - Não tá ouvindo a moça dizer que não quer, não? Tá jogando cachaça nos ouvidos?

(*Teresa sai.*)

José – Teresa...

Carminha – Tu não encosta nela!

José - Teresa era pra casar comigo.

Carminha – Isso ela é que sabe.

José – Teresa não sabe mais é de nada. Tua irmã desandou, Carminha.

Carminha – Ela gosta de Antônio.

José - E vai ficar esperando?

Carminha - O amor tem paciência.

José - Besteira! Vai ver que esse homem nem existe.

Carminha - O amor acredita.

José - Ele nunca vai voltar.

Carminha - O amor perdoa.

José – E eu Carminha? Eu fico como? Me diga!

Carminha – O amor perdoa, José. Perdoa sempre. Perdoa tudo.

José – Eu amo Teresa.

Carminha – Ama, não.

José – Como é que não amo?

Carminha – Esse que você sente não é amor, não. É vaidade. O amor é quando a gaiola tá aberta, quando a coleira tá frouxa. O amor é o de soltar, esse de prender é vaidade.

José – Eu vou pra casa.

Carminha – Vai, José. Tu não tá preso, não

José - Eu vou tirar sua irmã do meu peito. Eu vou botar você no lugar dela.

Carminha – Tem coisas que não é a pessoa que escolhe. Deixe o tempo passar.

José – Vou dar meu jeito...

Carminha – Não me prometa nada não, José, que depois pra mim fica pior.

(pausa)

José – Cadê Madalena?

Carminha – Quando eu saí tava cochilando no quarto.

Madalena – *(entrando na sala)* Já acordei. E Teresa?

Carminha – No cais.

Madalena – Você já tava de saída não é, José?

José – Tava sim.

Madalena – Pois é melhor você ir indo mesmo.

(José sai).

Madalena – Tá fazendo inferno, Carminha?

Carminha – Quando eu cheguei o inferno já tava feito.

Madalena – Não se meta no caminho deles dois não, minha irmã.

Carminha – O caminho desses dois não se encontra mais, não.

Madalena – E você gostou disso, não foi?

Carminha – Eu num ia querer que minha irmã ficasse com um rapaz que ela não gosta...

Madalena – Porque quem gosta dele mesmo é você...

(Carminha não responde).

Madalena – E é só por isso que você não concorda quando eu digo que essa conversa de Teresa esperando Antônio é doideira.

Carminha – Não é por isso, não.

Madalena – Mas é só por isso.

(Carminha não responde)

Madalena – No fim das contas seria bom mesmo é pra você se Teresa espera esse Antônio que nunca volta e José desiste dela. Por isso que você fica nessa conversa de “deixa a menina”!

Carminha – Não é por isso, não.

Madalena – Então é por que, Carminha?

Carminha – Porque eu acredito que tem mesmo é que deixar.

Madalena – Tem que deixar?

Carminha – Quem ouviu o moço dizer que voltava foi ela. Se ele disse de um jeito firme, ela acreditou, quem sou eu pra duvidar?

Madalena – É irmã dela! Porque ela vem com essa conversa de Teresa de Antônio, mas é minha irmã também.

Carminha – Mais uma razão.

Madalena – Razão pra quê?

Carminha – Pra deixar ela paz.

(Madalena sai.)

Contador – E José foi embora da casa naquele dia. Foi pra passar muito tempo sem voltar. Foi pra passar muito tempo bebendo nos bares, arrumando confusão com quem dizia que Teresa tava doida. E a vida ia se arrastando pelos trilhos do tempo e o tempo de José virava vida com outras mulheres, jogando bilhar, acalmado a fera que tinha nascido no peito dele num dezembro antigo que virou sua vida de cabeça pra baixo. E com tanta canção de ninar nas vozes das moças de vida fácil, a fera dormiu. José até teve em casa de Teresa outras vezes. Almoçou lá com as moças, contou umas piadas, Carminha ria mais que toda a graça. A fera dormiu, mas não morreu. Enquanto isso Teresa ia seguindo o seu caminho... Sem sair do lugar.

(Canção “Volta do amor”, letra e melodia de Carlos Barral.)

Contador – Eu vou de novo recontar a estória / A partir do meio, a partir de agora / Que você me veio tendo ido embora / Na parte mais triste de não mais voltar // Eu que cortei voltas para que a tristeza / Não me surpreendesse no seu labirinto / Contra a correnteza a mágoa que sinto / É querer ir longe e ter de ficar // Eu sinto que esse amor que volta nunca esteve longe / Reinvento a porta e a luz do começo / Já que não tem preço ver você voltar // É como se o primeiro instante desse amor menino / Acendesse as cores / Repicasse os sinos / Remoçasse inteiro / Reaprendesse a amar.

(Na sala da casa, Carminha lê a biblia. Madalena entra com um vestido na mão).

Madalena – Minha irmã, compra um botão desse pra mim. *(mostra o botão que está em um vestido)*

Carminha – Agora?

Madalena – Tem que ser agora porque eu tenho que terminar de pregar.

Carminha – Vai você.

Madalena – Eu estou pregando o botão, Carminha.

Carminha – Está pregando como, se não tem botão?

Madalena – Vai comprando que eu vou adiantando a janta.

Carminha – Quem faz a sopa hoje é Teresa.

Madalena – Você não vai comprar, não?

Carminha – Vou não.

Madalena – Então deixe. Eu peço a Teresa quando ela chegar.

Carminha – Vai você.

Madalena – Tem necessidade, não.

Carminha – Não tá querendo?

Madalena – Sim, mas depois eu faço. Esse vestido, Teresa nem usa muito...

(Pequena pausa.)

Carminha – Me dê cá esse negócio.

Madalena – Pra quê?

Carminha – Vou comprar o botão.

Madalena – Agora já vai?

Carminha – Vou. Me dê.

(Madalena lhe entrega o vestido e o dinheiro).

Carminha – Se não achar desse?

Madalena – Compre cinco azul, liso.

Carminha – Tá bom.

(Carminha sai da casa. Ouve-se só a voz dela depois de um tempo).

Carminha – *(gritando, de fora)* Madalena, me acode!

Madalena – Que foi, menina?

Carminha – *(de fora)* Socorro, Madalena!

Madalena – Cadê você, mulher?

Carminha – *(de fora)* Tô aqui no quintal! Corre aqui que caiu um negócio na minha perna. Parece que quebrou!

Madalena – Como é que cê tá, minha irmã?

Carminha – Tô com dor! Corre aqui, minha irmã! Pelo amor de Deus, Madalena! Me ajuda!

(Madalena chega até a porta da casa.)

Carminha – Me ajuda, Madalena!

Madalena – Grita alguém da rua, irmã! Alguém ajude, pelo amor de Deus!

Carminha – Vem você, Madalena, ajudar sua irmã! Vem, Madalena!

Madalena – Mas será que num passa ninguém nesse caminho? Ninguém que ajude? Vem pra dentro, Carminha! Vem do jeito que for.

(Silêncio.)

Madalena – Carminha?

(Carminha aparece na porta. Sua perna não está ferida.)

Madalena – Tu não teve foi nada na perna.

Carminha – Por que é que tu não foi lá ver?

Madalena – Tenho como não.

Carminha – Como é que não tem como?

Madalena – Eu caio.

Carminha – Cai como?

Madalena – Caindo.

Carminha – Uai.

Madalena – Só sei que é assim.

Carminha – Isso é doença, mulher!

Madalena – Não é, não. É preferência.

Carminha – Nunca sai de casa.

Madalena – Me deixe, Carminha.

Carminha – Mas isso é coisa de buscar um tratamento.

Madalena – Não tem tratamento nenhum!

Carminha – Há de ter.

Madalena – Me deixe, Carminha! Eu não consigo sair, não saio e pronto!

Carminha – Nunca buscou ajuda nenhuma!

Madalena – Carece de ajuda, não.

Carminha – Carece.

Madalena – Carece nada!

Carminha – Vai ficar sem sair?

Madalena – Não sinto falta.

Carminha – Mas pra vê o mundo.

Madalena – Vejo da janela! Não vejo da janela?

Carminha – E o mundo é só o redor dessa casa é, Madalena?

Madalena – Não perdi nada mais longe.

Carminha – Tem tanta terra que tu num vai andar...

Madalena – E você, Carminha? Vai? Andar essa terra toda que tem no mundo?

Carminha - Venha comigo agora. Só chegar no quintal.

Madalena – Vou não.

Carminha – Eu fico do teu lado, minha irmã, eu te amparo. Eu guento contigo, eu guentei com pai quando ele ficou doente, não guentei? Como é que não guento contigo? A gente vai devagarzinho, só até o quintal e depois é depois...

Madalena – Eu não vou, Carminha.

Carminha – Mas venha, minha irmã. Venha comigo.

Madalena – Carminha, essa é uma cerca que eu não quero pular! Deixa como tá.

(Pausa)

Carminha – Se eu fosse você...

Madalena – “Se eu fosse você” é sentença do cão!

(Pausa)

Carminha – Esse negócio de num sair, vou te contar...

Madalena – É o quê, Carminha?

Carminha – Se tu não fosse minha irmã e ia dizer que era esquisitice de gente doida.

Madalena – Tu bem sabe que eu não sou doida.

Carminha – Se me dissessem assim: Espia, Carminha, naquela casa tem uma moça que as pernas só funcionam dentro de casa. Na rua ela cai. Eu ia dizer na mesma da hora: Doideira.

Madalena – Eu não sou doida!

Carminha – Oh, esqueci! A doida da casa é Teresa!

Madalena – E Teresa ta parecendo uma maluca mesmo, esperando esse homem.

Carminha – E tu? Trancada nessa casa, fica parecendo o quê?

Madalena – Olhe, Carminha, eu não vou ter essa conversa mais, não.

(Pausa)

Carminha – Vamos combinar o seguinte: Cada um tem sua cerca eu não tenho irmã doida. Porque se for pra ter uma, eu prefiro achar que eu tenho logo duas. Então é melhor a gente acertar que aqui dentro ninguém é doido. É acordo?

Madalena – É acordo.

Carminha – Então combinamos.

Madalena – Agora me deixe.

Carminha – Agora eu deixo. Deixo sim.

(Entra Teresa.)

Carminha – E aí, moça? Como é que foi?

Teresa – Nada ainda.

Carminha – Amanhã?

Teresa – Com fé em Deus.

Carminha – Quem sabe, não é?

Teresa – Vou lá dentro. Sopa de quê hoje?

Carminha – Faz do que quiser, Teresa.

Teresa – Como é que tá, Madalena?

Madalena – Pouquinho cansada.

Teresa – Descansa.

Madalena – Vou.

(Teresa sai.)

Carminha – Deixa ela.

(O Contador e Teresa estão sós)

Contador – A moça julgava pertencer a um homem e selou seu destino nesse juramento:

Teresa - Amor, bicho sem medida, inimigo do tempo, me ensine a ter paciência. Amor, trem sem rumo, siga esse caminha comigo, me leve na tua mão, me cobre com teu manto, anda do meu lado, acende meu olhar.

Contador - Amor, velho cego, me ensine a enxergar meus irmãos. Vai, rio que não tem fundo, remédio antigo, vira tudo do avesso, faz do mundo teu arado, espalha a tua semente. Vai, amor, vulcão, explode no meio do mundo e queima tudo que não for teu.

(Canção “Rezas e Rendas”, letra e melodia de Carlos Barral.)

Contador - Naquele pedaço azul / Que lembrava o fim do mar / Tinha o seu nome escrito, morena / Era um sol a me queimar / Tinha o seu nome escrito, morena / Era um sol a me queimar //

Contador – E a saudade de Teresa ia pesando sobre os ombros de Antônio...

Contador - Era de rezas e rendas / O tempo de lhe esperar / De amor e de esperança,
moreno / A vida nesse lugar / De amor e de esperança, moreno / A vida nesse lugar //

Contador – E o mundo dá tantas voltas que a gente fica tonto...

Contador - E o fogo do vulcão / Do destino andou por lá / Queimou seu nome no azul,
moreno / Fez das cinzas meu olhar / Queimou seu nome no azul, moreno / Fez das cinzas
meu olhar.

Contador – Quem é vivo sempre aparece...

(A sala da casa das irmãs está deserta. Batidas na porta. Entra Madalena.)

José – Abre aí, gente!

(Madalena abre a porta. Entra José.)

Madalena – Entra, moço. Viu assombração?

José – O que eu vi foi pior. Cadê Teresa?

Madalena – No mundo.

José- Diabo!

Madalena – Qual é o aperreio, moço?

José – O impossível se deu.

Madalena – Tá me deixando nervosa, José. Me diga o acontecido.

José – Tem uma pinga aí?

Madalena – Me conte logo! Vumbora!

(Pausa.)

Madalena – Fala, José, que eu não tô esperando coisa boa, não!

José - Todo domingo eu vou jogar futebol com os meninos no campo mais lá, afastado.
Pois nesse domingo os meninos foram indo na frente porque ontem eu fiquei bebendo, lá
em Zé do Padre, e tava com a cabeça pesada, o calor tava demais... Tem uma pinga, aí?

Madalena – Primeiro fala, depois bebe.

José – Eu tava indo jogar bola...

Contador – Domingo é o dia que Deus descansa.

José – Pois eu tava indo sozinho encontrar os meninos, lá pras duas horas da tarde. E vinha vindo esse moço pela estrada, andando, no sentido contrário do meu. Aí, quando a gente se encontrou no meio da estrada...

Contador – O destino traçou aí seu riscado e a estrada de barro ardia debaixo dos pés dos homens.

José – Ele me disse:

Contador – Amigo, me dá uma informação.

José – Diga, moço.

Contador – Tu sabe me dizer onde é que eu encontro Teresa?

José – Que Teresa é essa, moço, que tu tá procurando?

Contador – Uma Teresa que ficou de esperar um Antônio.

José – Eu conheço uma Teresa, mas ela não é de Antônio nenhum, não.

Contador – Teresa... Uma morena.

José – Aqui as moça é tudo morena.

Contador – Ela disse que me esperava. Eu disse que voltava.

José – Qual é o seu nome, moço?

Contador – Meu nome é Antônio.

José – O nome do moço era Antônio.

Contador – E é nessa hora que um cabra acredita que, às vezes, é o demônio que toma as rédeas do acaso.

Madalena – E aí, José?

(Pausa.)

Contador – Agora conta, sujeito, o que é que tu fez!

Madalena – Fala, José!

José – Aí eu disse que sim. Que sabia de Teresa.

Contador – Disse que ia levar Antônio até a casa de Teresa. Os braços de Teresa, o lugar de Antônio.

José – Eu disse que ela morava longe, mas que tinha um atalho, pelo meio do mato. Perguntei se ele tinha medo de cobra...

Contador – Eu não tenho medo de nada, não.

José – Pois devia era de ter. E a gente se embrenhou no mato.

(Pausa)

Madalena – Termina, José.

(Pausa)

José – Não tem mais Antônio nenhum, Madalena.

Madalena – O quê foi que tu fez, homem?

José – Eu libertei Teresa dele. Agora só tem eu.

Madalena – Me diga o que foi que tu fez.

Contador – Mas José não conseguiu contar que quando chegou em mata fechada ele enfiou uma peixeira na barriga de Antônio. E nem disse também que enquanto o outro sangrava, ele ficou repetindo o próprio nome, José, pra que o outro soubesse a quem Teresa pertencia. E nem contou que o sangue de Antônio despertou nele uma sede estranha e que depois ele bebeu tanta água que pensou que fosse se afogar de dentro pra fora.

José – Não tem mais Antônio, Madalena.

Madalena – Ele voltou pra buscar ela, José? Pra ela ir com ele, foi?

José – Agora não tem mais pra onde.

Madalena – Cê ta é de brincadeira comigo.

José – Deus quis que fosse assim, botou o outro no meu caminho.

Madalena – Deus lá quis nada disso! Deus lá ia fazer isso...

José – Deus fez.

Madalena – Tu tá é bêbado, doido, tá é inventando conversa.

José – Tu não acredita, não?

Madalena – Acredito lá nada!

José – Então vumbora mais eu, vê o cabra! Vumbora lá vê a cara do homem que deixou tua irmã doida. Vumbora, Madalena.

Madalena – Espera um instante, José.

(Madalena entra e retorna com uma grande faca. Aponta a arma para José.)

Madalena – Tu aparece aqui de novo e a morte vai estar te esperando.

José – Se eu fiz o que eu fiz foi por...

Madalena – Vai embora, vai. Anda. Não fica parado me olhando, não. Tá duvidando?

José – Tô duvidando de nada, não.

Madalena – Então vai e não volta.

(José sai)

Madalena – Corre, cão!

(Entram Teresa e Carminha)

Carminha – Vai sair pra caçar, irmã?

Madalena – Sair o quê? Pergunta mais besta.

Teresa – Uai, tá com o facão.

Madalena – Tava limpando. E o vapor?

Carminha – Ele não veio nesse, não. Talvez no próximo...

Madalena – Talvez um dia.

Teresa – Ele vem.

Contador – E Madalena nunca contou pra Teresa que esse dia nunca haveria de chegar. Não contou porque sabia que a esperança e a vida são duas coisas que se acabam juntas e que a vida de Teresa, naquele momento, estava no estágio de ser só esperança. Não contou

porque não queria ser ela a responsável por notícia tão terrível, não queria que houvesse no mundo essa notícia tão terrível e talvez, se não fosse dada, a notícia deixasse de haver. E não contou porque no fundo, num canto de sua alma, havia a possibilidade de que José tivesse mentido, de que José tivesse inventado aquela estória de Antônio morto no meio do mato e o verdadeiro Antônio ainda estivesse, a cada dia, dando mais um passo de volta a Carinhonha. De volta pra Teresa. De volta pro céu desse azul impossível de Carinhonha, que pesa sobre todas as coisas, que torna tudo uma possibilidade.

Depois de um tempo chegou notícia de que José tinha casado em Minas Gerais e Teresa ficou feliz. Depois de um tempo Carminha entrou pra Igreja e foi ser freira na Bahia. Depois de um tempo Madalena pegou duas meninas pra criar e elas davam tanto trabalho que ela não tinha mais hora no dia pra ficar infeliz e Teresa... Teresa espera na beira do cais há séculos, o tempo não é consolo e cada apito do vapor, cada vela que surge no horizonte trazendo atrás de si o possível barco, reacende no olhar da mulher a missão de esperar. Teresa é a beira do cais há anos, seu corpo é testemunha de que o tempo não é amigo e Teresa vai virando uma pedra fincada ao chão do cais.

(Canção São Francisco, letra e melodia de Carlos Barral).

Contador - Alegria em que curva te perdestes / Que lajedo, que peral fundo e sombrio / Tu descansas para sempre nesse rio / São Francisco, tu não paras de passar // Lado esquerdo e um rio atravessado / Verde margem e um dezembro que se foi / Se me lembro do meu lado esquerdo dói / São Francisco, tu não paras de passar // Passa tudo dentro sempre do meu peito / O que está feito, está feito, está bem feito / O não feito nunca mais que se fará / São Francisco, tu não paras de passar // Vai lambendo seus barrancos, seus beirais / Vai levando pedras, peixes e pontais / Mais que tudo vai levando meu olhar / São Francisco, tu não paras de passar //

FIM.